



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS
DE LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA HELENA LUSTOSA FERNANDES

**REFLEXÕES SOBRE A MATERNAGEM E O AFETO NO ROMANCE
“O FILHO DE MIL HOMENS”, DE VALTER HUGO MÃE**

JOÃO PESSOA – PB
NOVEMBRO – 2021

MARIA HELENA LUSTOSA FERNANDES

REFLEXÕES SOBRE A MATERNAGEM E O AFETO NO ROMANCE “O
FILHO DE MIL HOMENS”, DE VALTER HUGO MÃE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação
do Curso de Licenciatura em Letras– Língua Portuguesa, da
Universidade Federal da Paraíba — UFPB, como requisito
para obtenção do título de Licenciada em Letras– Língua
Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Amanda Ramalho de Freitas Brito

JOÃO PESSOA – PB
NOVEMBRO – 2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F363r Fernandes, Maria Helena Lustosa.
Reflexões sobre a maternagem e o afeto no romance "o
filho de mil homens", de Valter Hugo Mãe / Maria Helena
Lustosa Fernandes. - João Pessoa, 2021.
38 f.

Orientação: Amanda Ramalho de Freitas Brito.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Maternagem. 2. Relações. 3. Afeto. 4. Desamparo.

I.

Brito, Amanda Ramalho de Freitas. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-31

MARIA HELENA LUSTOSA FERNANDES

REFLEXÕES SOBRE A MATERNAGEM NO ROMANCE “O FILHO DE MIL
HOMENS”, DE VALTER HUGO MÃE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação
do Curso de Licenciatura em Letras –Língua Portuguesa, da
Universidade Federal da Paraíba — UFPB, como requisito
para obtenção do título de Licenciada em Letras– Língua
Portuguesa.

TCC defendido em: ____/____/2021

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Amanda Ramalho de Freitas Brito (UFPB)
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Alyere Silva Farias (UFPB)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Maria Analice Pereira da Silva (IFPB)
(Examinadora)

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB)
(Examinador suplente)

João Pessoa - PB
Novembro - 2021

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria José Lustosa Fernandes e Petrônio Luiz Madruga Fernandes, que sempre incentivaram e apoiaram os meus sonhos.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço à minha mãe, Maria José, pois graças ao seu amor e dedicação, sou capaz de realizar todos os meus objetivos. Amo-te infinitamente, mãe!

Ao meu pai, por toda compreensão e cuidado que tem por mim e todo o esforço para colaborar com minha educação. És minha fonte de coragem, pai! Amo-te!

À minha irmã Maria Clara e à Luzia Sandra, por todo apoio, incentivo e por sempre acreditarem no meu potencial. Gratidão, meninas.

À Nathalia Pereira, por partilhar a vida comigo, sendo e estando em todos os bons e maus momentos. Sem o seu apoio e todo auxílio no decorrer deste trabalho, eu não teria conseguido. Obrigada por partilhar a caminhada comigo.

À minha madrinha, Maria Ivone, por todos os conselhos, afeto, compreensão e incentivo. Gratidão por sempre ter me auxiliado a ser alguém melhor.

À minha melhor amiga da vida, Maria Analice, que despertou meu amor pela Literatura e fez eu ter orgulho de ser gente, de ser quem sou. Minha eterna gratidão e amor.

Ao meu amigo Társis Lima, por ser minha alma gêmea, partilhar as nuances da vida com leveza, enfrentando os medos e possibilitando os sonhos. Meu muito obrigada, meu amor!

Às minhas amigas da Universidade, Dallet Isla, Darcyanne Santos, Rayane Moura e Larissa Souto, sempre estiveram comigo, somos um time, uma relação que vai além dos muros da UFPB. Obrigada por caminharem, partilharem e enfrentarem tudo comigo. Amo vocês.

Aos meus amigos queridos, Eduardo Ferreira, Gerlane Raimundo e Patrícia Costa, que partilham a vida comigo desde o Ensino Médio. Obrigada por serem apoio, incentivo e motivação para todos os momentos.

Às minhas amigas Anna Libia e Ericka Anulina, pelo companheirismo, disponibilidade, amizade e afeto. Vocês são fonte de inspiração!

À professora Regina Celi, que foi minha orientadora no PIBIC durante quase toda minha graduação. Obrigada por me fazer amar o mundo da pesquisa e por todo conhecimento adquirido ao longo dessa jornada. E a todo o grupo de pesquisa ATA, os aprendizados adquiridos em nossa partilha são imensuráveis.

À minha orientadora, Amanda Ramalho, por aceitar esta missão e me auxiliar de forma tão leve e humanizada, acreditando no meu potencial e me inspirando a querer um mundo melhor e mais justo. Muito obrigada por tudo, professora!

Todos estão loucos, neste mundo? Porque a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitas, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça, para o total. Todos os sucedidos acontecendo, o sentir forte da gente – o que produz os ventos. Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.

(Guimarães Rosa)

RESUMO

O nosso trabalho buscou refletir acerca do processo da maternagem e a presença do afeto nas relações construídas no romance “O filho de mil homens”, do autor Valter Hugo Mãe. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico. Dentre as diversas relações construídas entre os personagens da obra, optamos por fazer um recorte, desta forma, escolhemos três personagens para analisar os aspectos da maternagem e do afeto: a Matilde, a Anã e o Crisóstomo. Para o desenvolvimento de nossas análises, utilizamos as perspectivas teóricas de Badinter (1985); Gradvoh, Osis e Makuch (2014); Candido (2004); Candido *et. al* (2018); e no viés da Psicanálise, fizemos uso de Birman (2020; 2021) Laplanche e Pontalis (1991) e Freud (2010). Com base em nossos aportes teóricos, concluímos que o amor materno é um sentimento humano incerto e que recebe influências de diversos fatores, assim como a maternagem é um construto social, que muitas vezes, é estabelecido por uma imposição do afeto. Nas vivências dos nossos personagens de análise, vemos as forças pulsionais jogando-os para a busca da solução de suas faltas, diminuindo as tensões que os perpassam em diferentes direções e os inundam, buscando substitutos para suportarem o desamparo.

Palavras-chave: Maternagem; Relações; Afeto; Desamparo.

RESUMEN

En ese trabajo, buscamos reflexionar sobre el proceso de maternaje y la presencia del afecto en las relaciones construidas en la novela “O filho de mil homens”, del autor Valter Hugo Mãe. Esta investigación se caracteriza como bibliográfica. Teniendo en cuenta las relaciones de los personajes que son construidas en la obra, hicimos un recorte en el que elegimos tres personajes para el análisis de los aspectos sobre maternaje y afecto: son ellos Matilde, Anã y Crisóstomo. Para el desarrollo de nuestro análisis utilizamos las perspectivas teóricas de Badinter (1985); Gradvoh, Osis e Makuch (2014); Candido (2004); Candido et. Al (2018); respecto a las bases psicoanalíticas, utilizamos Birman (2020; 2021) Laplanche e Pontalis (1991) e Freud (2010). De esa manera, pudimos concluir que el amor maternal es un sentimiento humano rodeado de incertidumbre, que recibe influjos de varios factores, así mismo el maternaje es un constructo social, que se establece muchas veces por una imposición del afecto. En las experiencias de vida de los personajes analizados, vimos las fuerzas de pulsión incitándolos a la búsqueda de una solución para sus ausencias, reduciendo las tensiones que están en su alrededor y que les toman por completo, buscando sustitutos que den soporte a su desamparo.

Palabras clave: Maternaje; Relaciones; Afecto; Desamparo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O AMOR MATERNO, MATERNIDADE E MATERNAGEM: UM RECORTE HISTÓRICO E SOCIAL	13
2.1 O AMOR MATERNO	13
2.2 A MATERNIDADE E A MATERNAGEM	14
3 CONCEITOS-CHAVES DA PSICANÁLISE PARA A ANÁLISE DOS PERSONAGENS	20
3.1 O PRINCÍPIO DE PRAZER, A PULSÃO, O EXCESSO, O DESAMPARO, O OBJETO FÁLICO E A FEMINILIDADE	20
3.2 O AFETO	22
3.3 FELICIDADE, SIMBOLISMO, SUBLIMAÇÃO E SIMBOLIZAÇÃO	24
4 ANÁLISE DOS PERSONAGENS: A MATILDE, A ANÃ E O CRISÓSTOMO	26
4.1 A ESCOLHA DA MATERNAGEM	26
4.2 A MATILDE	27
4.3 A ANÃ	32
4.4 O CRISÓSTOMO	34
5 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca refletir acerca do processo da maternagem e a presença do afeto nas relações construídas, no romance “O filho de mil homens”, do autor português Valter Hugo Mãe. A obra está organizada em vinte capítulos que narram as diversas histórias dos personagens. A princípio, esta organização traz as narrativas dos personagens de forma isolada, mas, no decorrer do romance, essas narrativas vão se entrelaçando.

Tendo em vista que nossa temática é acerca da maternagem, é de relevância trazer um aspecto sobre o nome do autor da obra “O filho de mil homens”. Valter Hugo Mãe é o nome artístico do escritor Valter Hugo Lemos e em uma entrevista, ao ser questionado por que escolheu a palavra “mãe” como nome artístico, o autor respondeu que:

Percebi que a mãe, numa generalização, será o ser humano mais capaz de um amor incondicional. Por utopia, o escritor, ou o artista, procurará suscitar por uma obra o mesmo sentimento de proteção incondicional. Procuramos sempre uma obra que nos pareça imprescindível. Claro que nenhum livro valerá por um filho, mas todos sonham com valer assim (KODIC, 2011, s.p).

A resposta de Mãe nos faz refletir sobre a relação da maternidade com o ato, em si, da criação artística e a importância que a literatura exerce em relação à construção de nossa humanização nos variados âmbitos de nossa vida. “ela [a literatura] é um fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...]” (CANDIDO, 2004, p. 175).

A escolha da obra deu-se, a princípio, por gostar muito do romance, em seguida, por ter sido despertada pelas diversas reflexões possíveis que o livro proporciona. Valter Hugo Mãe é um autor da contemporaneidade que colabora com a missão de humanizar mais a sociedade em seus diversos âmbitos. Como elenca Candido (2004), a humanização é:

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, percepção da complexidade dos mundos e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 180).

Soma-se a isso o fato de que em uma busca feita no estado da arte, no que diz respeito a estudos já feitos sobre a obra “O filho de mil homens”, encontramos artigos sobre o romance que analisam o conceito de família inventada, Silva (2018); e, ainda nesse viés, no aspecto da construção da família moderna, tem-se a análise de Silva (2017). Assim como o artigo de Rech

(2018), que traz uma aproximação entre posturas políticas de Valter Hugo Mãe e as que o escritor aborda no romance com os afetos da pós-modernidade. Ainda no viés do afeto, mas como possibilidade de investigação teórica na literatura, tem-se o estudo de Angelini (2015). Outro ponto estudado na obra de Mãe foi o da construção do personagem Antonino, Teotônio (2019). A dissertação de mestrado de Santos (2018) traz a ascensão do sujeito amoroso presente na obra. E a tese de doutorado de Teotônio (2018), que aborda a escrita de Mãe em relação aos temas principais propostos em suas obras, uma destas é “O filho de mil homens”. Desta forma, não encontramos trabalhos que abordam, de forma específica, a temática da maternagem presente no romance do autor e o afeto por meio de nossas perspectivas teóricas, o que reflete na relevância de nosso estudo.

O livro conta a história de Crisóstomo, que é um pescador, de 40 anos e deseja muito ter um filho. O Camilo é um garoto órfão, filho da Anã que morre durante seu parto. O menino é adotado por um idoso viúvo, mas, quando este morre, Crisóstomo adota o rapaz. Em seguida, Camilo sugere que o seu pai encontre uma companheira para partilhar a vida, assim, tem-se Isaura, uma mulher desvirginada e rejeitada, que é casada com o homem maricas, o Antonino, filho de Matilde.

Desta forma, a narrativa apresenta os diversos personagens excluídos socialmente, mas que possuem o desejo de pertencer a algum lugar, de serem aceitos e amados. Assim, a obra apresenta a história de várias famílias, que ao final, soma-se a uma grande família, formada a partir de laços afetivos dos personagens de diferentes núcleos familiares que compartilham os diversos sentimentos humanos: a falta, o apego, o afeto, o sofrimento, a empatia e o amor. Mas, sobretudo, o livro tem como ponto principal o afeto. O que liga cada um dos personagens é justamente essa necessidade de afeto e do amor incondicional que o ser humano procura. Ademais, Mãe traz em sua obra temas como: preconceito, sexualismo, machismo, a homofobia e outras formas de discriminação.

Tendo em vista todos os aspectos elencados que são abordados na obra, um dos elementos que nos chamou atenção foi as relações entre mãe e filho e pai e filho e, a construção do afeto, diante disto, temos como objetivo geral refletir acerca do processo da maternagem e do afeto no romance de Valter Hugo Mãe. Dentre as diversas relações construídas entre os personagens da obra, optamos por fazer um recorte, assim escolhemos três personagens para analisar os aspectos da maternagem e do afeto: a Matilde, o Crisóstomo e a Anã.

Para realizar nossa análise, fizemos uso da pesquisa bibliográfica, possuindo como principais aportes teóricos, Badinter (1985); Gradvoh, Osis e Makuch (2014); Candido (2004); Candido *et. al* (2018); Birman (2020; 2021); Laplanche e Pontalis (1991) e Freud (2010).

2 O AMOR MATERNO, MATERNIDADE E MATERNAGEM: UM RECORTE HISTÓRICO E SOCIAL

Neste tópico, iremos explicar as concepções acerca do amor materno, da maternidade e da maternagem, nos âmbitos históricos e sociais. Para tal, corroboramos com as ideias de Badinter (1985) e Gradvohl, Osis e Makuch (2014). Sendo assim, abordaremos palavras e conceitos-chaves, como o amor materno, a maternidade, a maternagem e o desenvolvimento e mudanças destes na sociedade europeia no decorrer dos séculos, além dos fatores que colaboraram para as concepções que se tem acerca desses conceitos.

2.1 O AMOR MATERNO

Para entender a construção do amor materno, é preciso levar em consideração os fatores histórico-social, pois no decorrer dos séculos a imagem da mulher e da mãe foi modificada de acordo com os interesses econômicos, sociais e políticos da sociedade. É importante ressaltar a concepção acerca da mãe, que é a seguinte:

A mãe, no sentido habitual da palavra (isto é, a mulher casada que tem filhos legítimos), é uma personagem relativa e tridimensional. Relativa porque ela só se concebe em relação ao pai e ao filho. Tridimensional porque, além dessa dupla relação, a mãe é também uma mulher, isto é, um ser específico dotado de aspirações próprias que freqüentemente nada têm a ver com as do esposo ou com os desejos do filho. Toda pesquisa sobre os comportamentos maternos deve levar em conta essas diferentes variáveis (BADINTER, 1985, p. 24).

Buscando entender as atitudes maternas ao longo da História, no contexto europeu, apoiamo-nos nas concepções de Badinter (1985) acerca do amor materno, tendo em vista que não é um sentimento inerente à condição do sujeito (mulher ou homem), mas adquirido socialmente, “como todos os sentimentos humanos, ele varia de acordo com as flutuações sócioeconômicas da história” (BADINTER, 1985, p.2). Assim, “O amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina” (BADINTER, 1985, p.22).

Durante um longo tempo, teve-se o amor materno como algo instintivo, algo que faz parte da natureza da mulher, em quaisquer circunstâncias, o que resulta na crença que toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à condição, “Como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer”

(BADINTER, 1985, p.19). No romance “O filho de mil homens”, temos a personagem Carminda, uma mulher casada que morreu sem poder ter filhos, assim, não sentia-se mulher,

Mas a Carminda não deixou de sofrer, por que nunca mais reincidiria na maternidade. Ficaria oca, apenas oca, sem modo. A Carminda dizia que era como um casco infértil, apenas a aparência de uma mulher, mas não mais uma mulher capaz de ser mãe. Era o resto. O resto de uma mulher (MÃE, 2016, p. 74).

Corroborando com os conceitos elencados, iremos traçar uma breve explanação acerca da construção do amor materno e os demais personagens que têm influência nessa construção.

2.2 A MATERNIDADE E A MATERNAGEM

É importante conceituarmos e fazermos a distinção entre maternidade e maternagem. Tem-se por **maternidade**, em uma visão tradicional, a relação consanguínea entre a mãe e o filho. Já a **maternagem** é estabelecida por meio do vínculo afetivo do cuidado e acolhimento ao filho, uma relação estabelecida no meio social e no contexto cultural (GRADVOHL, OSIS e MAKUCH, 2014). Sendo assim, a maternidade é exercida quando a mãe gera e dá à luz ao bebê. Já a maternagem é mais abrangente, é exercida pela pessoa que cuida, dá afeto e acolhe o filho.

Para podermos chegar à imagem de mãe que temos atualmente, precisamos nos remontar aos séculos anteriores e compreender o percurso histórico e as mudanças da sociedade acerca da importância da mulher e da mãe.

No período da Idade Média, a constituição da família não visava a relação afetiva entre seus membros, a sua formação dava-se a partir de interesses econômicos. Desta forma, os casamentos eram feitos de maneira arranjada, visando a continuidade dos bens dos familiares. Dentro desse contexto, as mulheres, bebês e crianças, não tinham grande importância, visto que eram subordinados aos maridos/pais (GRADVOHL, OSIS e MAKUCH, 2014).

É em função das necessidades e dos valores dominantes de uma dada sociedade que se determinam os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho. Quando o farol ideológico ilumina apenas o homem-pai e lhe dá todos os poderes, a mãe passa à sombra e sua condição se assemelha à da criança. Inversamente, quando a sociedade se interessa pela criança, por sua sobrevivência e educação, o foco é apontado para a mãe, que se torna a personagem essencial, em detrimento do pai. Em um ou outro caso, seu comportamento se modifica em relação ao filho e ao esposo. Segundo a sociedade valorize ou deprecie a maternidade, a mulher será, em maior ou menor medida, uma boa mãe (BADINTER, 1985, p.25).

A autoridade paterna e a concepção que se tinha sobre a criança têm influências sobre essas atitudes. Em média, em um período de, mais ou menos, dois séculos, o comportamento das mães variou com bastante frequência entre a rejeição e a indiferença.

Como resultado, tem-se uma sociedade sem amor e essa visão negativa do amor impossibilitava o laço que une os membros da família. Conforme Badinter (1985) “O interesse e a sacrossanta autoridade do pai e do marido relegam a segundo plano o sentimento que hoje apreciamos. Em lugar da ternura, é o medo que domina no âmago de todas as relações familiares” (BADINTER, 1985, p. 50).

Somente a partir do século XIX que há a modificação acerca do casamento, passando de conveniência para o casamento por amor (BADINTER, 1985). Até antes do século XVIII, tem-se a ausência do amor como valor familiar e social, o que não quer dizer que não havia a existência do amor antes dessa época, mas esse sentimento não possuía a importância que tem atualmente (BADINTER, 1985).

Em relação ao papel da mãe, esta não o exercia, quando tinha seus bebês, estes eram entregues as amas-de-leite, ou seja, eram cuidados por terceiros, até mais ou menos, os oito anos de idade, ao retornarem para casa, eram considerados adultos em miniaturas, colaboravam com o trabalho doméstico. Diante dessa falta de maternagem, havia altas taxas de mortalidade, abandono de criança e infanticídio¹. Como dito anteriormente, as atitudes maternas tiveram influências por meio de fatores sociais e econômicos. Até, mais ou menos, o final do século XVIII, a taxa de mortalidade infantil era bastante elevada, o que resultava na falta de apego da mãe em relação ao bebê, pois era menos complicado evitar o sofrimento, tendo em vista que caso a criança morresse, a mãe não iria morrer de dor. Além do fato de que o primeiro indício de rejeição do filho está presente na recusa materna de amamentar, pois essa atividade aumentava a possibilidade de sobrevivência para a criança (BADINTER, 1985).

Desta forma, tem-se como fator de extrema importância a amamentação. As mães não amamentavam seus filhos, quando tinham seus bebês, estes eram entregues as amas-de-leite, ou seja, eram cuidados por terceiros. “Essa recusa podia ter motivos diferentes, mas culminava numa mesma necessidade: o recurso a uma ama mercenária, com a dupla possibilidade, segundo os recursos financeiros, de instalá-la na residência da família, ou de lhe mandar a criança” (BADINTER, 1985, p.64). Os discursos acerca da amamentação foram os mais diversos no decorrer dos séculos.

1 De acordo com Correia (1998, p.368), “Mesmo quando a fertilidade era valorizada o infanticídio era praticado em situações de miséria. Os bebês eram «acidentalmente» sufocados ou deixados cair de cabeça (Kitzinger, 1978)”.

Diante disto, algumas mães contratavam as amas-de-leite porque precisavam trabalhar com seus maridos para sustentar a família, ou seja, economicamente era mais vantajoso dar a criança a uma ama-de-leite do que contratar um funcionário. Além do fato de que “[...] no caso dessa pequena burguesia trabalhadora, os valores sociais tradicionais pesam mais do que em outras camadas: como a sociedade valoriza o homem, e, portanto, o marido, é normal que a esposa dê prioridade aos interesses deste sobre os do bebê” (BADINTER, 1985, p.75). Assim, a criança passava em média, até os 5 anos, sendo cuidada por terceiros, na casa das amas, que eram muitas vezes em um lugar distante.

Outras mães, as de condições financeiras melhores, mas que eram afetadas pelos discursos morais “da moda”, contratavam uma ama-de-leite a domicílio, assim, a criança não estava longe dos pais, geograficamente, mas a mãe não amamentava, nem cuidava, tendo em vista que era mais importante voltar a atenção ao marido,

A opção dessas mulheres (já que economicamente podiam agir de outra maneira) era determinada pela influência da ideologia dominante. A autoridade do pai e do esposo domina a célula familiar. Fundamento econômico e chefe moral da família, ele é também o seu centro: tudo deve girar em torno dele (BADINTER, 1985, p. 76).

Fora os grupos das mães que suas atitudes acerca da maternidade poderiam ser justificadas por causa da importância do fator econômico e as que tinham o peso das convenções sociais, ainda se tem um terceiro grupo de mães, as quais não sentiam o peso social, nem econômico. A indiferença em relação aos cuidados com filhos explica-se em partes por meio dos desejos e ambições de mulher, “[...]sobre essas mulheres privilegiadas não pesavam nem ameaças, nem culpabilidade de nenhum tipo. No máximo poderíamos ver nelas um caso inteiramente excepcional de atitude espontânea” (BADINTER, 1985, p.87). A falta de importância que se dava ao papel da mãe e da criança na sociedade resultava no fato de que muitas mulheres viam a atividade materna como perda de tempo, preferiam estar nos salões, com uma vida social ativa do que perderem tempo e danificarem seus corpos por causa dos seus filhos.

A partir disto, pode-se questionar a espontaneidade do amor materno. Os pais possuíam um amor seletivo, ou seja, havia um tratamento desigual entre os filhos, dependia do sexo e o lugar que ocupavam no seio familiar. Em relação ao sexo, preferia-se o filho homem, porque os pais poderiam casá-lo com uma mulher rica e manter a fortuna da família, já a filha causava prejuízo, pois tinha-se que pagar o dote. Em relação à posição, o filho homem mais velho era o preferido, pois seria o herdeiro dos bens da família e caso a mãe ficasse viúva, passaria a

depender financeiramente do primogênito. Sendo assim, tem-se um amor seletivo, visando os interesses que essas relações podem ter. Vejamos que diz Badinter (1985) sobre isto: “[...] vemos sempre como uma aberração, ou um escândalo, a mãe que não ama seu filho. Estamos prontos a tudo explicar e justificar de preferência a admitir o fato em sua brutalidade. No fundo de nós mesmos, repugna-nos pensar que o amor materno não é indefectível (BADINTER, 1985, p.21).

Tendo em vista a autoridade do pai e marido e o amor como algo negativo, o outro ponto a ser observado para compreender as atitudes maternas é a condição da criança e a imagem que se tinha dela. Durante muito tempo ecoou a visão de Santo Agostinho em relação à criança, como algo ruim, fruto do pecado, moralmente “indecente”. Essa visão influenciou durante muito tempo na criação e educação das crianças (BADINTER, 1985). Outro ponto de vista em relação à criança é tê-la como estorvo, sendo mesmo uma desgraça, do que como o mal ou o pecado, sendo assim, um fardo insuportável (BADINTER, 1985).

Além de a criança ser vista como estorvo, também a concebiam como brinquedo e/ou máquina. Tendo em vista que era tratada como brinquedo, os pais davam atenção e cuidados, depois que perdia a “graça”, já não recebia o tratamento adequado, “como um brinquedo divertido do qual se gosta pelo prazer que proporciona, e não pelo seu bem. É uma espécie de pequeno ser sem personalidade, um “jogo” nas mãos dos adultos. Assim que deixa de distrair, deixa de interessar” (BADINTER, 1985, p.78). E a criança é vista como pequena máquina, pois funciona corretamente e quando cresce, permanece sendo considerada como máquina, tendo em vista que desejos, paixões, pecados não têm lugar algum, pois um mecanismo não as possui, elas se fecham em seus pensamentos, não expressam sentimento, nem raciocínio, as crianças obedecem mecanicamente aos pais (BADINTER, 1985).

No decorrer dos séculos XVII e XIX, o desenvolvimento do capitalismo e a ascensão da burguesa fez com que as crianças ficassem sob a responsabilidade dos pais, pois o Estado passou a administrar as relações de produção e condições de sobrevivência à família. A partir disto, como consequência, houve alteração nos papéis sociais: o homem tem a função de ser o provedor financeiro, de sustentar a família e a mulher ficou como a responsável pelos cuidados com a casa e os filhos. Esse cuidado que a mulher exercia em relação aos filhos não se limitava apenas às necessidades do bebê, mas requeria uma disponibilidade psíquica, ou seja, a maternagem (GRADVOHL, OSIS e MAKUCH, 2014).

A partir disso, tem-se uma modificação na imagem da mulher como mãe. A função da maternagem começa a ter um valor imenso e os cuidados da criança são específicos da mãe assim, ficam indissociáveis a mulher, a maternidade e a maternagem. No mesmo período, em

meados de 1760, inicia o discurso médico definindo como as mães devem cuidar dos filhos e defendendo a amamentação feita pela mãe e não por amas, o que resultou no conceito de “boa mãe”, que é aquela que nutre um amor incondicional por seus filhos. Assim, surge o mito do instinto materno, vendo a maternidade como algo inato à mulher e à maternagem também, porque se elas geravam, eram as pessoas mais adequadas para criar seus filhos (GRADVOHL, OSIS e MAKUCH, 2014).

Com base nessa visão, no começo do século XIX, fica em evidência, de forma crescente, a exaltação social da maternidade e da maternagem. A partir de então, a mãe passa a ter maior valorização social, pois a mãe se torna a responsável pelo lar e pela criação dos novos cidadãos. O valor dado à vida familiar torna os vínculos mais afetivos e os casamentos arranjados já não são mais comuns. Além da valorização da criança, esta passa a ser o futuro na nação, tendo interesse para o sistema capitalista (GRADVOHL, OSIS e MAKUCH, 2014).

Após a Primeira Guerra, houve o despovoamento europeu, assim, era preciso o aumento da população porque iria enriquecer a nação. Desta forma houve o incentivo do aumento das taxas de fecundidade, transformando a maternidade em um dever patriótico. Assim, tem-se uma pressão social sobre as mulheres, que precisavam se tornar mães, porém, as mulheres que não queriam exercer a maternidade sentiam-se inadequadas socialmente ou culpadas por não se dedicarem a função exclusiva à maternagem devido à dupla jornada de trabalho (GRADVOHL, OSIS e MAKUCH, 2014).

Tendo em vista a pressão social para a maternidade, houve o início de movimentos feministas, como o *movimento maternalista* que defendia a maternidade e a maternagem como principais papéis sociais femininos, mas queriam que fosse remunerado, pois era um serviço que colaborava com o bem social. O outro movimento, o *movimento radical*, acreditava que a maternidade e a maternagem eram formas de fazer com que as mulheres ficassem submissas aos homens, pois o filho precisava da mãe por um longo período de tempo, o que a impossibilitava de exercer outras atividades, assim, acreditavam na procriação como opção e não obrigação de toda mulher (GRADVOHL, OSIS e MAKUCH, 2014).

Quando as mulheres passaram a ingressar no mercado de trabalho, por volta de 1960, começa-se a reivindicação da divisão da maternagem e atividades domésticas com os homens, porém, estes não tiveram uma participação igualitária com as mulheres, mas passam a ter uma relação mais afetiva e com os cuidados dos filhos na idade escolar, pois nessa fase já não dependiam tanto da mãe. Assim, surge um novo modelo de paternidade, o homem não apenas contribui no âmbito financeiro, mas também com os cuidados com os filhos. Desta forma, com a paternidade participativa, surge o conceito de parentalidade, em meados dos anos 60. A partir

disto, a maternagem passa a ser uma tarefa realizada independente do gênero (GRADVOHL, OSIS e MAKUCH, 2014).

Com o avanço da medicina reprodutiva, tendo início nos anos 90 do século XX, houve a possibilidade de novas maneiras de procriação, separando reprodução da sexualidade e fazendo romper o determinismo biológico. Assim, há o surgimento da família artificial, distinguindo mãe biológica e o pai biológico, onde a mãe que “empresta” o útero ou doa os óvulos, executando a maternidade substitutiva e o pai doa os espermatozoides, exercendo a paternidade genética. Também surgem a mãe e o pai sociais, os quais cumprem a atividade de maternagem com o filho (GRADVOHL, OSIS e MAKUCH, 2014).

Diante de todo o percurso histórico das atitudes maternas, tem-se o instinto materno como um mito. A conduta da mãe varia de acordo com os seus sentimentos e a cultura a qual está inserida. O amor materno pode existir ou não, sendo adicional à mulher e não determinante e a maternagem não deve ser uma tarefa exclusiva da mulher, mas de qualquer pessoa que exerça a função de cuidar e dar afeto ao bebê/criança.

3 CONCEITOS-CHAVES DA PSICANÁLISE PARA A ANÁLISE DOS PERSONAGENS

Da mesma forma que traçamos um percurso histórico-social para explanarmos os conceitos acerca do amor materno, maternidade e maternagem para compreensão de nosso objeto de estudo, neste tópico, iremos abordar os principais conceitos que iremos utilizar da teoria psicanalítica para realizar a análise dos personagens do romance.

Sabe-se que na teoria psicanalítica um conceito, geralmente, está imbricado a outros. Deste modo, utilizaremos Birman (2021;2021), Laplanche e Pontalis (1991) e Freud (2010), para abordarmos as definições de conceitos chaves, como: o princípio de prazer; a pulsão; o excesso; o desamparo; o objeto fálico; a feminilidade; o afeto; a felicidade; o simbolismo; a simbolização e a sublimação.

3.1 O PRINCÍPIO DE PRAZER, A PULSÃO, O EXCESSO, O DESAMPARO, O OBJETO FÁLICO E A FEMINILIDADE

Tendo em vista que para compreendermos o conceito de afeto, antes, precisamos saber sobre alguns outros conceitos, comecemos pelo o princípio de prazer, que é

Um dos dois princípios que, segundo Freud, regem o funcionamento mental: a atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. É um princípio econômico na medida em que o desprazer está ligado ao aumento das quantidades de excitação e o prazer à sua redução (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p.364, grifos dos autores).

Sendo assim, há uma tendência natural ao princípio de prazer, o qual sempre busca suprimir o estado de tensão. E essa tendência se relaciona diretamente com o conceito de pulsão, que é um

Processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz o organismo tender para um objetivo. Segundo Freud, uma pulsão tem a sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p.394, grifos dos autores).

Ou seja, a pulsão é uma força ou carga de energia, que faz um organismo tender para um objetivo. Uma pulsão tem sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão) e possui o objetivo de suprimir o estado de tensão (algo como tamponamento do desprazer) que reina na

fonte pulsional. É no objeto que a pulsão pode atingir sua meta. As tensões psíquicas, que são construídas e desencadeadas a partir de traumas, assim como das interdições sociais e por vários motivos que podem gerá-las. Desse modo, é o que faz com que o sujeito, naturalmente, busque o princípio de prazer.

Visando que a pulsão é a carga energética que busca atenuar as tensões, isto resulta em sua relação com o afeto. Mas antes de entendermos o afeto, precisamos compreender **o excesso**, que é “imediatamente afetação e sentimento, antes de mais nada. Somos, assim, afetados inicialmente pelo excesso que nos toma e que se expressa como sentimento num segundo momento, de maneira que passamos então a sentir a afetação” (BIRMAN, 2020, p.113). Ainda de acordo com Birman (2020), o excesso é sempre irrupção de alguma coisa que foge ao controle e a regulação da vontade, então sua marca é caracterizada por ser incontrollável.

O excesso está presente no sentimento de desamparo, que **“Para o adulto, o estado de desamparo é o protótipo da situação traumática geradora de angústia”** (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p.112, **grifos dos autores**). O desamparo primordial é quando nos deparamos com uma falta, que vai ocasionar uma série de frustrações,

Assim, tracemos inicialmente a condição do sujeito na posição do desamparo. Sob o desamparo, o sujeito se encontra diante da pressão constante das forças pulsionais que o perpassam em diferentes direções e o inundam. O sujeito é tomado pelo excesso, de cabo a rabo. Por isso mesmo, ele é obrigado, por um lado, a realizar um trabalho de ligação daquelas forças irruptivas, constituindo um campo de objetos capazes de oferecer um horizonte possível de satisfação e, por outro lado, deve se impor a exigência de nomeação daquelas forças (BIRMAN, 2021, p.47).

O sujeito, quando se encontra desamparado, está em sofrimento, assim as forças pulsionais o jogam para buscar uma solução para aquilo, pois o objetivo das forças pulsionais é justamente diminuir a tensão e o sujeito está sob essa pressão que o perpassa em diferentes direções e o inunda. Dessas diferentes direções, vem o excesso, que pode variar para profunda depressão ou euforia. E o desamparo está relacionado com a questão da castração, tendo em vista o falo que

Na Antiguidade greco-latina, representação figurada do órgão sexual masculino.

Em psicanálise, o uso deste termo sublinha a função simbólica desempenhada pelo pênis na dialética intra e intersubjetiva, enquanto o termo “pênis” é sobretudo reservado para designar o órgão na sua realidade anatômica (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p.166-167, grifos dos autores).

Desse modo, o objeto fálico, não se trata aqui do pênis especificamente, mas sim como uma alegoria, uma metalinguagem. O objeto aponta para uma falta que existe no sujeito. O desamparo também pode ser correlacionado a feminilidade,

[...] a posição originária do desamparo corresponde ao que Freud, em “Análise com fim e análise sem fim”, denominou *feminilidade*. Esta foi descrita de maneira bem concisa, já que, apesar do nome, não seria um registro psíquico restrito às mulheres. Com efeito, a feminilidade seria algo que transcenderia a diferença sexual, pois não se identificaria nem com a sexualidade feminina nem com a masculina. Isso porque para, para Freud, homens e mulheres teria *horror à feminilidade*, porque nesse registro psíquico não existiria qualquer referência ao falo (BIRMAN, 2021, p.47-48).

Assim, o desamparo está correlacionado ao medo da feminilidade, que é a consciência de que existe uma falta, que está relacionada à falta fálica, porém, esse falo é um símbolo dessa castração, de algo que foi tirado do sujeito. E esse medo da feminilidade não é só atribuído ao masculino, do homem de perder o falo, mas também da mulher. É um sentimento de desamparo presente independente do gênero, porque é algo que falta e essa alguma coisa que falta gera o sentimento primordial do desamparo.

3.2 O AFETO

Para entendermos o conceito de afeto, é preciso fazermos uma distinção importante. De um modo comum, costumamos dizer que temos diferentes tipos de afeto, inclusive afetos bons, no Dicionário Online de Português, o Dicio, tem-se o significado de afeto como: “Sentimento de muito carinho por alguém ou por algum animal; amizade” (s.p). E este significado é o que permeia no uso do dia a dia, do senso comum. As pessoas tendem a associar o afeto a um sentimento positivo. Porém, para a Psicanálise, há outro significado, no qual iremos nos basear. O dicionário da psicanálise relaciona o afeto como uma manifestação mais consciente de algo que está causando algum transtorno, alguma angústia ou que está tensionando o sujeito, assim, o afeto é relacionado a essa tensão,

Termo que a psicanálise foi buscar na terminologia psicológica alemã e que exprime qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de uma descarga maciça, quer como tonalidade geral. Segundo Freud, toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p. 9, grifos dos autores).

O afeto é qualitativo da energia, quer dizer que existe um excesso no sujeito que tem a ver com o conceito de Birman (2020), é intenso, pode ir para mais ou para menos, existe uma tensão provocada por esse excesso psiquicamente no organismo no sujeito, traduzido a partir de um sentimento. O afeto é a expressão qualitativa da quantidade, ou seja, o afeto é o nome que se dá a essa intensidade, a esse excesso que está no sujeito, então, quando esse excesso é nomeado psiquicamente, tem-se o afeto.

O afeto aqui pode ser sinalizado em dois registros:

1. Enquanto *quantum de afeto*, isto é, como quantidade pura e intensidade. Trata-se, pois, de uma leitura *econômica* do afeto;
2. Enquanto *sentimento*. Nesse estado, o afeto está presente na consciência. Ele é qualidade. Trata-se de uma leitura *tópica*. (BIRMAN, 2021, p.73).

Tem-se o excesso quando alguma coisa foge ao controle do sujeito, esse algo que foge se manifesta por esse afeto (BIRMAN, 2020). Que pode ser um afeto de humor, de depressão, desta forma, o afeto é um sentimento que vai estar presente na psique do sujeito e este nomeia esse excesso. O excesso se manifesta pelo exagero, que pode ser, o da alegria, da dor e de diferentes maneiras.

Enquanto sentimento, o afeto está presente na consciência, não está em qualquer consciência, mas na consciência-percepção, que é uma consciência que se deu a partir de uma percepção momentânea, ou seja, é quando existe uma intencionalidade do afeto. O sujeito percebe um objeto de um jeito porque a sua intenção é de encontrar sentido naquele objeto. O afeto enquanto sentimento se dá a partir dessa consciência-percepção. E, por isso, essa consciência-percepção do afeto ou desse sentimento está ligada a uma experiência muito forte do sujeito, normalmente relacionada ao desamparo, ou a algum trauma.

Segundo a teoria metapsicológica de Freud, a consciência seria função de um sistema, o sistema percepção-consciência (Pc-Cs).

Do ponto de vista tópico, o sistema percepção-consciência está situado na periferia do aparelho psíquico, recebendo ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as provenientes do interior, isto é, as sensações que se inscrevem na série desprazer-prazer e as revivências mnésicas. Muitas vezes Freud liga a função percepção-consciência ao sistema pré-consciente, então designado como sistema pré-consciente (Pcs-Cs) (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p.93, grifos dos autores).

Então, o afeto pode designar uma ressonância emocional de uma experiência geralmente forte, na consciência-percepção (intencionalidade do afeto), assim ocorre a procura por simbolizar (criar significação para constituição do corpo e do sujeito), “O trabalho de domínio e simbolização da afetação torna possível a constituição do corpo e do sujeito. Se esse trabalho

não se fizesse, o corpo-sujeito ficaria colado no trauma da afetação e seria precipitado impiedosamente ao masoquismo mortífero. A vida se tornaria algo impossível de ser regulada” (BIRMAN, 2021, p.74).

3.3 FELICIDADE, SIMBOLISMO, SUBLIMAÇÃO E SIMBOLIZAÇÃO

Freud, em muitos de seus textos, faz críticas ao mal-estar na civilização, abordando a modernidade, pois o conceito de civilização que a modernidade propõe a partir do Iluminismo foi um modelo criado em contraposição à barbárie. Toda cultura que não era europeia era considerada cultura de barbárie, precisava ser substituída pela civilização. Porém, é exatamente essa civilização que causa o desamparo, tendo em vista que ela não proporciona condições para que o sujeito possa existir sem tanta interdição. É uma civilização da moral que, conseqüentemente, interdita o sujeito e gera o desamparo, as faltas, porque ele está abrindo mão dos mais diversos fatores para poder se encaixar nessa civilização (FREUD, 2010).

Ao ser abordada a questão fálica, o desamparo primordial está relacionado à ausência do falo, tendo em vista que a própria civilização ocidental pensa o lugar de poder, que foi criado como o lugar do homem dessa forma, o falo está no sentido simbólico de poder. E o medo da feminilidade é justamente o medo de assumir o lugar de não poder, ou seja, o sujeito em um lugar que não tem poder, está desamparado, sem uma estrutura que o possa sustentar. Assim foram criadas instituições que não conseguem nos trazer felicidade, porque ela se contrapõe ao império das pulsões. Para Freud (2010), “Aquilo a que chamamos “felicidade”, no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina de necessidades altamente represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico” (p.21). Se o sujeito está em uma sociedade que, a todo instante, coloca-lhe o desprazer, o resultado é que esse sujeito fique em dualidade psíquica que vai traumatizá-lo e criar uma série de patologias. Desta forma, há a importância de simbolizar. Na Psicanálise, o simbolismo significa

A) Em sentido amplo, modo de representação indireta e figurada de uma idéia, de um conflito, de um desejo inconscientes; neste sentido, em psicanálise, podemos considerar simbólica qualquer formação substitutiva.

B) Em sentido restrito, modo de representação que se distingue principalmente pela constância da relação entre o símbolo e o simbolizado inconsciente; essa constância encontra-se não apenas no mesmo indivíduo e de um indivíduo para outro, mas nos domínios mais diversos (mito, religião, folclore, linguagem, etc.) e nas áreas culturais mais distantes entre elas (LAPLANCHE e PONTALIS, 1991, p. 481-482, grifos dos autores).

Na sublimação, o sujeito escolhe, de maneira consciente, um substituto para tentar atenuar o desprazer, que é uma tentativa, seja no amor, na arte, na religião, ou em algumas estruturas buscadas pelo sujeito para substituir o desejo em falta, que foi reprimido socialmente, para que esse desejo não retorne e não traumatize o sujeito. “Denominamos sublimação um certo tipo de modificação da meta e mudança de objeto, em que nossos valores sociais entram em consideração” (FREUD, 2010, p.175).

Desta forma, o sujeito vai em busca de substitutos para sua falta, seu desamparo, para lidar com seus traumas. Porém, o sujeito está sempre buscando substituto porque nenhum dos recursos da sublimação é duradouro. Assim, precisamos, a partir da representação, transformar nossa dor em algo, que seria uma espécie de transferência. Desse modo, na sublimação o sujeito modifica um estado para outro, sai de um estado profundo de desolação, de desamparo e encontra um substituto, transfere para este, o escritor escreve, o leitor encontra processo de relação com a representação, por exemplo.

A simbolização ocorre quando o sujeito nomeia o que está sentindo, ao nomear, ele está simbolizando, mesmo que essa nomeação não seja feita de maneira consciente. Quando não há um objeto real pra substituir aquilo que se está sentindo, mas simboliza por meio das palavras, é a simbolização.

Sendo assim, a simbolização está dentro da sublimação, porque quando o sujeito escolhe um objeto substitutivo, ele o nomeia. Na simbolização sempre nomeamos o objeto, só vai ser sublimação quando se tem o objeto real, de verdade. São substitutos que o eu encontra para suportar o desamparo.

4 ANÁLISE DOS PERSONAGENS: A MATILDE, A ANÃ E O CRISÓSTOMO

Neste tópico iremos apresentar a análise dos três personagens do romance, o Crisóstomo, a Matilde e a Anã e abordar conceitos à luz da teoria da psicanálise e da maternagem, com base nas explanações feitas nos capítulos anteriores. Mas, antes de iniciarmos a análise, de fato, é importante trazer à tona algumas definições acerca da personagem para melhor compreensão do nosso objeto de estudo.

Para realizar a escolha das personagens a serem analisadas, apoiamo-nos na concepção de Candido *et. al* (2018), no que se refere ao que a personagem representa, que é “a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificações, projeção, transferência etc” (p.54). Desta forma, tendo em vista nosso aporte teórico, é importante lembrarmos que:

A personagem é um ser fictício, - expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre esse paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CANDIDO *et. al*, 2018, p.55, *grifo dos autores*).

Diante disso, analisamos os personagens Matilde, a Anã e o Crisóstomo sob as perspectivas da maternagem, utilizando as concepções de Badinter (1985); Gradvoh, Osis e Makuch (2014); e sob o viés psicanalítico para abordar o afeto, utilizamos Birman (2020; 2021), Laplanche e Pontalis (1991) e Freud (2010).

4.1 A ESCOLHA DA MATERNAGEM

O amor talvez seja o substituto mais eloquente que o sujeito encontra (Freud, 2010), na maternagem, identificamos que há uma procura pelo amor que vai se desenvolvendo na história dos personagens do romance de Mãe, há uma tentativa de sublimar essa falta. VHM² é bastante sensível em sua forma de abordar as diferentes maternidades e mostrar também como o lugar do materno, dentro das diversas ordens familiares, é complexo.

A maternagem, é a escolha do sujeito, a construção do afeto, nem sempre é apenas a partir de uma escolha, mas pode ser por uma imposição do afeto, quanto simbolização de uma

2 Sigla para representar o nome do autor Valter Hugo Mãe

escolha, de uma vontade, percebemos isso representado na Anã que quer salvar o filho,

Um dia, o doutor meteu a anã na sua casa e disse-lhe que ela já não saía dali grávida. Não tinha condições para mais e era preciso fazer o bebé nascer. Era tão cedo no tempo da gestação que havia uma possibilidade enorme de correr tudo mal. Passou palavra por toda a aldeia de que a anã estava em risco absoluto e teria um destino qualquer a cumprir-se nos próximos dias. O doutor tentava acalmar a mulher, e ela queria sobretudo que o seu filho nascesse e que tivesse modo de fazer a vida. *Sentia que, se o seu filho vingasse, a sua vida valera a pena.* Curava-se da tristeza e prosseguia no insondável que os filhos são. Os filhos dizia, levam dentro famílias inteiras.

A anã morreu assim que o menino nasceu (MÃE, 2016, p.43-44, *grifos nossos*).

No Crisóstomo, que escolhe ser pai, “Perguntou-lhe, por responsabilidade, contendo a ansiedade, mas assim perguntando como se fosse uma coisa normal, se podia ser seu pai. Porque havia metade de si que apenas estaria completa quando tivesse um filho” (MÃE, 2016, p.25). E na Matilde, ao escolher adotar a Mininha, “[...] agora importava à Matilde, por instinto, tirar dali a miúda, como se à cria lhe coubesse uma mãe por substituição, uma mãe urgente, porque na vida de uma criança tudo urgia” (MÃE, 2016, p.167).

Diante disso, vamos analisar de forma mais profunda cada um dos personagens nos próximos tópicos.

4.2 A MATILDE

A personagem Matilde é intitulada como “a mãe do homem maricas”, o Antonino. A personagem diante de sua condição social, uma mulher viúva e com um filho maricas, vive na dualidade do amor e ódio por seu filho, o que mostra a condição do sujeito com a posição do desamparo, este que, nesse caso, vem desde a ausência do marido/pai, no modo como a personagem percebe a ausência.

A Matilde, talvez por criar viúva o seu único filho, enojava-se do mesmo jeito mas agia diferente. Não teria coragem para desfazer um filho, o único filho, que tanto trabalho e sonho lhe dera. Se, pelo menos, o pudesse mandar embora, mesmo que não tivesse mais familiares, nem muito para onde ir. Ficariam sozinhos um do outro. A Matilde queria acreditar que, mandando embora, o filho poderia resolver o problema, como se longe dali ele não florisse, não gesticulasse, não subisse um tom nas sílabas mais bonitas das palavras quando falava a rir, talvez longe dali não fosse maricas. Talvez porque ela também tivesse culpa. Era culpada duas vezes, uma de o ter feito assim, outra de não encontrar solução e competir-lhe tanto encontrar solução (MÃE, 2016, p.98).

O pai é tido como modelo de amparo, por estar no lugar de poder, este pode dar acesso àquilo que vai satisfazer o sujeito. Do ponto de vista da sociedade patriarcal, o objetivo é

satisfazer os homens. As mulheres e os gays não se encaixam. Essa falta de encaixe é não ter elementos que satisfaçam o sujeito dentro do lugar de poder colocado por essa sociedade civilizacional. Assim, o mal-estar na civilização é exatamente a impossibilidade do sujeito de manter as pulsões, os desejos relacionados por elas, e essas pulsões são no intuito de satisfazer a subjetividade, o eu (FREUD, 2010).

Como não tinha pai, não tinha valentia.
Pensava assim a Matilde. Um rapaz sem pai cresce talvez mais assustado, porque uma mulher vale menos nos sustos todos da vida.
O susto de um homem importa mais que mil sustos de uma mulher (MÃE, 2016, p.98-99).

A viúva acreditava que criou o Antonino errado. A ausência do pai fez com que o menino fosse maricas e isso mostra o sentimento do desamparo, que é o afeto, manifestado pelo excesso. O excesso diz respeito a esse lugar de combate dela, esse sentimento profundo de querer acabar com essa situação, de querer criar um outro filho ideal.

Desviando-se do filho, foi rua fora à procura de se conter. E a Matilde, ao invés de se calar, foi como louca a gritar. Gritava: socorro. Era como se devorasse o próprio filho. Com qualquer palavra haveria de devorá-lo. Matava-o de vergonha. Retirava-lhe a dignidade. Queria tanto, mas não conseguia amá-lo mais do que o odiava e se odiava também (MÃE, 2016, p.111).

A Matilde a todo instante é atordoada pelas vizinhas, em relação ao seu filho, o que a desgasta e resulta na ambiguidade de amar o Antonino, mas quer que ele seja diferente, ou seja, em uma situação não feminina, um lugar da não castração, o de poder.

Uma vizinha dizia à Matilde: se deus quis que o fizesse, também há-de querer que o desfaça, se assim tiver de ser. Mate-o. É um mando de deus. A Matilde, atormentada, nem respondia. A outra perguntava: e não lhe dá nojo, a lavar-lhe as roupas e as louças. Ainda apanha doenças com isso de mexer nas porcarias do corpo dele. A Matilde dizia que sim, que lhe dava nojo, mas também achava que ainda era só uma delicadeza, não era sexual. Talvez nunca viesse a ser sexual. Mate-o, como se faz aos escaravelhos que nos assuntam. São um nojo quando se põem aí a voar na primavera (MÃE, 2016, p.97).

E a personagem tem uma visão das crianças como máquina (BADINTER, 1985), que podem ser moldadas e fazer tudo que os pais as ensinaram, sem ter autonomia. Assim ela não aceita o jeito do filho porque não ensinou a ele ser maricas

As crianças não deviam crescer nunca porque as crianças são perfeitas. A Matilde pensava que o seu menino pequeno era perfeito. Pensava: as crianças não deviam crescer nunca porque as crianças são perfeitas.

Que raio acontece depois às crianças, que crescem para ser tudo ao contrário do que os pais lhes disseram e tanto lhes sonharam. Que raio se há-de passar na vida das pessoas que as faz perder o controlo sobre os mais novos, tão permeáveis quanto casmurros a crescerem à revelia do que os pais ensinam, querem, mandam. Deviam crescer exatamente como lhes fosse dito. A gostarem do que aprenderam a gostar quando pequenos, a repudiarem o que lhes foi dito para repudiar, sobretudo abdicando de envergonhar a família tornando-se o oposto das coisas boas, das boas educações que as famílias lhes dão. Que raio acontece às crianças depois. A Matilde lembrava-se bem de nunca ter ensinado o Antonino a ser maricas (MÃE, 2016, p.125).

Quando o Antonino era criança, a Matilde o mimava, tinha amor pelo filho, pois transferiu para ele o falo, que antes era atribuído ao marido, porém, ao perder isto, ela encontrou um substituto, o Antonino.

A Matilde mimava a criança porque sem o marido se dava a carências maiores. Agarrava o miúdo como se estivesse agarrada a algo que chegava ao outro mundo. Apertava-o com as saudades de um homem e enviuvava profundamente, para sempre, convencida de que a sua vida era só fazer do filho um homem, esperar depois pelos netos e achar que as leis estavam cumpridas. O Antonino perguntava: e era parecido comigo. Ela dizia: cara de um, focinho do outro. Riam-se. Puxava-lhe pelo nariz, beijava-o na testa (MÃE, 2016, p.124).

Com base nas memórias da infância, o Antonino vê a Matilde como a mãe perfeita, “Sentiu antes que *a mãe poderia voltar* ao amor incondicional, a um tempo anterior às indiscrições sociais, para se sensibilizar com a plenitude de perfilhar, com a plenitude de desculpar e nunca abandonar. *Sabia que a Matilde era a mãe perfeita*” (MÃE, 2016, p.171, *grifos nossos*). O homem maricas vê isso porque essa relação de filho é algo construída socialmente.

Matilde, ao perceber que o Antonino não é o filho homem que esperasse que fosse, começa a cobrar ao rapaz que se case, pois ela quer criar um substituto para esse filho ideal e o casamento é um deles, mesmo que ele continue sendo maricas, “Já estás com corpo todo para casar. Estás atrasado. Tens de casar, Antonino, há tantas moças. Escolher uma moça, fazer-lhes filhos e mais nada. A vida depois é isso, dizia ela. Está quase, filho, está quase. Era como se o tempo dos erros estivesse a acabar por definição” (MÃE, 2016, p.107).

Tendo em vista a condição do sujeito com a posição do desamparo, a intencionalidade do afeto está relacionada com o próprio objetivo da pulsão, que é registrar por meio do excesso a intensidade de algo que se forma incontrolavelmente. Nesse sentido, o sujeito procura alcançar o destino da satisfação da pulsão. A Matilde para eliminar ou atenuar a tensão, que se configura como o desamparo, busca satisfazer a pulsão, que está presente como uma carga de energia negativa nesse sentido, pois ela está sofrendo a influência das interdições morais e sociais e para controlar isso a viúva busca outras formas de tamponar essa falta. Ela vai tamponar essa falta, estabelecendo o horror à feminilidade, ou seja, ao lugar de não poder. No

dia do casamento de Antonino com Isaura,

A Matilde pôs-lhe um fato novo sobre a cama. Ajeitou o cabelo, também envergando um vestido lavado ao qual coseu uns punhos de veludo e mais uma gola redonda, e sorriu muito entristecida ao espelho. Talvez fosse o dia em que mandava embora o seu filho para sempre, mandava-o embora para nunca mais voltar. Partiria de casa, o seu único filho, *com todo o amor que ficara para dar. Partiria como algo que nunca se consumara*. Ia ao acaso. E a desgraça, pensava a Matilde, espreita de perto. Depois, mando à Maria umas quantas trouxas de panos para valentias várias. Mandou-lhe tudo quanto houvesse para valentias várias. Mandou-lhe tudo quanto houvesse de uso. Não quis ver mais nada, não foi ajudar, sentou-se na igreja à espera que fosse uma coisa rápida e poupada na vergonha. Queria que ninguém aparecesse. Ninguém foi convidado. *Era uma coisa para ser despachada e expedida*, para chegar só aos olhos de deus como o remédio possível. A Matilde pensava que assim se redimia o razoável. *Seguiria sempre como culpada*, mas repusera de algum modo a ordem, porque via agora o Antonino *gerir a sua vida pelo decoro, coisa que trazia decoro à sua vida também e a fazia esperar um perdão de toda a gente*. Aflita com as pressas, a Matilde fugiu igreja fora assim que terminou o acto e foi sumária na despedida. Deixava o filho nas mãos de outra. Deixava-o. E fugia de verdade.

À noite, quando ouviu baterem-lhe à porta, a Matilde percebeu o rosto do filho esfumado no fosco do vidro. Teve a certeza de que era culpada. Devia tê-lo rachado ao meio quando ele chegou aos dezasseis anos. Devia ter-lhe subido um pau pelo cu a pendurá-lo como uma bandeira e depois pegar-lhe fogo. A Matilde lamentou não ter tido coragem para ser como os outros pais com os filhos assim (MÃE, 2016, p.114, *grifos nossos*).

Sabemos que a função da pulsão é alcançar o princípio de prazer, buscando suprimir o estado de tensão, essa pulsão tem diferentes segmentos, pode ser de morte, de vida, por exemplo. Às vezes a pulsão de morte é uma forma de atenuar a tensão, busca suprimir um sentimento de desprazer, de sentimento de desconforto existencial, porque a morte, em sua essência, é um estado de coisas, então que se o sujeito se encontra na pulsão de morte, ele está atenuando uma série de frustrações, tensões, que se abateram sobre o eu, “A Matilde, com o coração pequeno e a cabeça confusa a encher-se de ódio, achava que se o filho lhe morresse a vida estaria normal, porque ser mãe fora uma ilusão. [...] A Matilde não conseguia entender porque lhe aconteceria um horror assim” (MÃE, 2016, p.97).

Em vários momentos, a Matilde quer matar o Antonino, vemos o processo de sublimação. Ela nomeia o objeto que tem medo, assim, de alguma maneira ela tem controle sobre esse objeto, excesso. Quando ela nomeia o sentimento de matar o filho está buscando entender porque ele é assim, tenta compreender na ausência da figura paterna, simbolizada pela castração:

A Matilde suspirava, lavava as roupas e as louças do Antonino e, de cada vez que uma faca lhe passava pelas mãos, pensava em manda-lo embora antes que fosse tarde demais. Um rapaz sem pai não tinha valentia. Que valesse ao menos para não envergonhar ninguém. Era uma coisa tão pouca de se fazer. Tão pouco de se esperar e pedir. Guardava as facas a tremer. Em cada faca nascia uma boca e todas as bocas diziam que o matasse. A Matilde, sozinha por casa, ouvia sempre o mesmo. Contudo, como no ditado popular, quem não tem filhos cada dia mata cem, pensava a

Matilde. Ter o filho feito, ainda que em grande nojo ali levantado, era muito outra coisa. Não era uma retórica. Dizer era muito fácil. Fazer ficava reservado para heróis e gente com grandes sortes (MÃE, 2016, p.99).

Ela via na morte do filho um alívio para esse desamparo, pois ser mãe de alguém assim não era uma benção, a maternidade era algo ruim.

A Matilde, depois, *pousou no vazio da mesa a faca grande, que seguia sempre gritando para que o matasse*. Não fez mais nada. De faca na mão, levantada ao pescoço do filho, havia sido apenas um modo de escutar a promessa que ele lhe fizera, essa promessa de nunca mais lhe dar um desgosto. A Matilde já não acreditou. *Estava como morta e disposta a matar*. Era só isso. Uma mulher morta disposta a matar também. Estava para lá da desilusão. *Era cada vez menos a mãe dele. Sentia-se condenada e não abençoada. A maternidade abençoava*. Aquilo não. (MÃE, 2016, p.105, *grifos nossos*).

No decorrer da narrativa, a Matilde adota “a cria”, que é chamada de Mininha, o diminutivo de Emília. O sentimento da maternagem de Matilde por Mininha, é movido por dois caminhos, tendo em vista que ela se sente em falta com o Antonino, não só no sentido de não ter criado ele bem, mas também por ter um certo arrependimento por pensar coisas ruins acerca do filho. Isso aflorou a maternagem pela menina por se sentir em falta com o filho por esse lugar de não afeto (bom, dos laços, ligações), além dessa adoção de ressignificar o lugar de mãe.

Era porque lhe estava colocada uma segunda oportunidade para a educação. Poderia certamente atentar melhor em cada perigo e desviar-se das frustrações. Com uma cria, recomeçava cada coisa, recomeçava a maternidade, e podia afirmar com rigor um cuidado de valores que ratificariam a sua existência com uma benignidade integrada socialmente, com brio para ser discutida por qualquer um numa compaixão genuína (MÃE, 2016, p.169).

O seu desamparo vem de longe, desde a criação do filho sozinha. Falta a ela o amor, se reconhecer enquanto mulher. Essas faltas trazem conflitos em sua vida, na forma em que se relaciona com o filho. Ela tem medo da feminilidade, ela não se reconhece no lugar de mulher e de mãe. Por não ter criado um filho heterossexual, ela não se acha nesse lugar. E sempre há a procura pela figura masculina, coloca o Antonino para casar com a Isaura para a mulher o tornar homem, ao adotar Mininha, bota a menina para olhar os rapazes: “E a Matilde dizia: tu olha para os rapazes, cachopa, vê como são bonitos. A miúda ria e ainda achava os rapazes palermas e muito infantis. A Matilde insistia: são bonitos, rapariga, os rapazes são bonitos. Tens de aprender a olhar para eles” (MÃE, 2016, p.180). Do ponto de vista dessa feminilidade, da castração, a mulher só pode ser completa, teoricamente, com o homem, e o homem vai exercer esse lugar de poder a partir da mulher.

Na impossibilidade de manter os impérios das pulsões em diálogo com a moral civilizatória, tendo em vista que essa moral só cria mecanismo que satisfazem justamente o falo, o lugar de poder, quem não está nesse lugar precisa abdicar a todo instante de suas arestas subjetivas e isso vai causar o sentimento de infelicidade e a procura por substitutos. A Matilde sente a necessidade de nomear, quer apresentar o filho como alguém dentro da ordem familiar, cristão, que agrade a sociedade, dentro dos princípios morais e religiosos, ao apresentar seu filho à criada Rosinha, a mãe do homem maricas diz:

A Matilde explicou que era o seu filho, casado com uma Isaura, e sorriram todos. As palavras saíram-lhe gordas, como se pudesse falar por tamanho, dar tamanho ao que dizia. Era do orgulho de, por uma vez, apresentar o Antonino com essa máscara tão cristã de estar casado. Fazia dela a mãe perfeita, finalmente a mãe perfeita. Não importava que o casamento se tivesse desfeito, o Antonino não lho disse, importava que estava do lado de lá dos campos, acolhido por uma Isaura, a ter por ofício o cuidado com outros bichos, outras hortaliças (MÃE, 2016, p.138, grifos nossos).

Depois da adoção de Mininha e de conviver mais com o Antonino, a Matilde entra em estado de euforia, uma alegria, o amor será o centro da vida para obter suas satisfações e ser amado. Porém o amor desprotege, desarma e logo vemos uma modificação na relação da mãe com Antonino, seu filho maricas. A intensidade, afetação e sentimentos de Matilde sobre seu filho são ressignificados,

A Matilde, que talvez não soubesse que o seu filho era o melhor ser humano do mundo, sentiu que, por tolice ou novidade, ele cabia naquela casa. A Matilde não saberia dizer, mas sentiu que uma casa onde o seu menino grande pudesse caber haveria de ser uma casa perfeita. Com tanto desespero, pensou subitamente que o mundo poderia ser mais justo para com o seu menino diferente. O mundo poderia ser melhor (MÃE, 2016, p.184).

4.3 A ANÃ

A Anã fica grávida, com a possibilidade de ter 15 homens como pai, mas diante de sua condição social, uma mulher sozinha, pobre e pequenina, as pessoas não acreditam que isso seja possível, pois a vida dela é vista como uma brincadeira de uma boneca. Nesta personagem, percebemos que o excesso do mal estar que há nela é mais dos outros do que dela própria, é das vizinhas que a perturbam.

Pouco mais de oitenta centímetros que nem assomavam acima dos muros mais baixos dos caminhos. Era assim como um ser mais rasteiro a passar sem que se visse, sem que alterasse as vistas, sem que fosse gente. Nem é gente, pensavam as pessoas. É uma pessoa pequenina, como uma criança que envelhece e não deixa de o ser. Fica sempre criança e perde a mãe. Precisa que cuidem de si. Não é gente como a gente. E a anã, sem ouvir tanto do que diziam ou saber tanto do que pensavam sobre si, dizia

uma e outra vez que esperava ainda por um homem com maneiras delicadas que quisesse ficar consigo. Achava que havia um homem para amar cada mulher. As outras, quase um metro acima de si, não sabiam se uma mulher podia ser tão pequena (MÃE, 2016, p.34).

Na mulher pequena existe uma falta, o desamparo, ao lugar de poder, “Um dia, a Anã disse que ainda esperava por um cavalheiro com um grande coração. [...] E ela repetiu, um cavalheiro que me ame, que me saiba amar” (MÃE, 2016, p.33).

No momento que a Anã fica grávida, de 15 homens, há a relação do desamparo da mulher que estava ali sendo usada,

Depois explicou que não era fruto de um amor, apenas da solidão e da pouca resistência. Dizia que havia quem a incomodasse à procura de se meter com ela, e ela, nem sempre querendo, tinha pouca força e deixava que acontecesse como quem despachava um assunto. Despachava assim tantos assuntos, era só mais um, a servir de bocadinho de um certo afecto. Porque um homem tocando-lhe, ainda que de modo egoísta e a pensar em outras mulheres, só pelo toque já engana um bocado o coração, que pensa afectivamente ou guarda afectivamente cada sinal de abraço, cada sinal de beijo (MÃE, 2016, p. 41-42).

E ao mesmo tempo um desamparo social, a moral civilizatória dá um lugar de desamparo a essa mulher, lugar dado pelos outros. A Anã faz com que as outras mulheres da vila, de tamanhos comuns, se sentissem melhores e quando a mulher pequena engravida, passa a ser demonizada, “A anã saiu da casa do doutor e atravessou toda a aldeia devagar, a sentir-se um pouco mais bojuda e corada, e ninguém lhe foi falar, ou porque não a viam agachada abaixo dos muros, ou exatamente porque a aldeia estava esquisita, com as mulheres incomodadas e os homens calados (MÃE, 2016, p.39).

A Anã passa a querer apenas que o seu filho nasça um “homem inteiro”, não usa outro termo, mas ‘inteiro’, podemos pensar no sentimento de inferioridade que a mulher sente diante de todo o contexto social no qual se encontra, além do fato de que o pai pode ser qualquer um dos 15 homens, mas ao mesmo tempo, a princípio, ela não considera.

Não podia acovardar-se naquele momento, e a pobreza dos seus rendimentos não dava para duas bocas, mesmo que pequeninas. A anã perguntou: o meu filho vai ser pequenino, assim pequenino. E o doutor respondeu: nada disso. Vamos ter de o tirar daí de dentro antes dos nove meses, porque senão ele dá-lhe cabo de tudo. Mas acredito que há-de crescer como cresce quase toda gente. A anã sorriu feliz. Sorriu feliz ao pensar nisso, que o seu filho seria um homem todo inteiro [...] (MÃE, 2016, p.41).

A Anã, “Não era mulher de reclamar grandes atenções, e por isso não retinha nada de especial. Era como aproveitar o amor possível. O amor dos infelizes” (MÃE, 2016, p.42-43).

4.4 CRISÓSTOMO

O personagem Crisóstomo, possui o enorme desejo de ser pai, mas não obteve “sucesso” no amor, não encontrou uma mulher para casar e ter filhos. O pescador, que chegou aos 40 anos sem ter filhos, tinha a seguinte concepção acerca das mulheres pelo fato destas poderem gerar filhos: “Sonhava que haviam de ser perfeitas as mulheres por serem escolhidas para a maternidade, a construírem pessoas dentro de si. As mulheres construíram as pessoas meticulosamente, sem querer olharem ou se preocuparem demasiado com isso” (MÃE, 2016, p. 198).

Tendo em vista o conceito da maternagem, que está relacionada ao cuidado e ao afeto, “O Crisóstomo começou a pensar que os filhos se perdiam, por vezes, na confusão do caminho. Imaginava crianças sozinhas como filhos à espera. Crianças que viviam como a demorarem-se na volta para casa por terem sido enganadas pela vida “(MÃE, 2016, p.20). Percebemos a realização da atividade da maternagem no personagem por meio da adoção, não há um laço sanguíneo entre eles, mas é uma relação construída por meio da disponibilidade dos dois.

O Crisóstomo traz um lugar de metade, de incompletude,

Via-se metade ao espelho e achava tudo demasiado breve, precipitado, como se as coisas lhe fugissem, a esconderem-se para evitar a sua companhia. Via-se metade ao espelho porque se via sem mais ninguém, carregado de ausências e de silêncios como os precipícios ou poços fundos. Para dentro do homem era um sem fim, e pouco ou nada do que continha lhe servia de felicidade. Para dentro do homem o homem caía (MÃE, 2016, p.19).

O desamparo do pescador é por intensidade do excesso, existe uma quantidade de sentimento que o está abatendo, assim ele se sente só metade. Na busca por essa completude, tem-se o afeto enquanto sentimento, que se precipita da consciência percepção por meio da simbolização, ou seja, o sujeito procura um substituto para nomear, traduzir esse desamparo, essa falta,

Abraçava o boneco e procurava pensar que seria como um filho de verdade, abanando a cabeça igual a estar a dizer-lhe alguma coisa. Afagava-lhe os cabelos enquanto fantasiava uma longa conversa sobre as coisas mais importantes de aprender. Começava sempre as frases por dizer: sabes, meu filho. Era o que mais queria dizer. Queria dizer meu filho, como se a partir da pronúncia de tais palavras pudesse criar alguém (MÃE, 2016, p. 19-20).

Assim, esse boneco cumpre o sentido de simbolização dessa falta, desse sujeito que o Crisóstomo busca para completá-lo. O pescador sublima ao criar, de maneira consciente um objeto que substitui um filho que está em falta: o boneco, assim, o homem encena, representa, para suportar o desamparo, o sentimento de incompletude que ele tem. No caso, há a simbolização dentro da sublimação, porque o Crisóstomo escolhe um objeto substitutivo real e

o nomeia como filho. Ao adotar o Camilo, o Crisóstomo encontrou o seu objeto substituto real para sua falta

O Crisóstomo abraçou de novo o Camilo e percebeu as estrelas e percebeu como as trineiras eram pirilampos de flutuar que podiam entender a felicidade e agradeceu à natureza gritando, num barulho alto para que todos soubessem, que tinha um filho, que tinha um filho. Nem que pensassem que era louco, nem que lhe dissessem para se calar, não se calaria. Estava demasiado feliz para se calar ou para se preocupar com o juízo (MÃE, 2016, p.26).

O sujeito vive em busca da felicidade, “eles buscam a felicidade, quem se tornar e permanecer felizes. Essa busca tem dois lados, uma meta positiva e uma negativa: quer a ausência de dor e desprazer e, por outro lado, a vivência de fortes prazeres” (FREUD, 2010, p.20-21). O afeto é uma força irruptiva, pode ser uma alegria imensa, utopia, estas podem se manifestar como o afeto que está no lugar do excesso. Depois de adotar o Camilo, por sugestão do filho, o Crisóstomo pensa em ter uma mulher. Sentindo-se extremamente realizado, com a ausência da dor e do prazer, há a busca por fortes prazeres, “O Crisóstomo beijou-a [Isaura]. Beijou a mulher que fora do homem maricas e disse que a amava. Talvez ainda não fosse o dobro de um homem, mas era já, sem dúvida, muito mais do que um homem inteiro. Podia muito mais (MÃE, 2016, p. 128).

5 CONCLUSÃO

Nossa pesquisa teve como foco maior abordar reflexões acerca da construção da maternagem e do afeto. Desta forma, voltamos o olhar para três personagens do romance: a Matilde, a Anã e o Crisóstomo.

Com base em nossos aportes teóricos, concluímos que o amor materno é um sentimento humano incerto e que recebe influências de diversos fatores, assim como a maternagem é um construto social, que, muitas vezes, é estabelecido por uma imposição do afeto. Valter Hugo Mãe é muito sensível ao nos colocar no universo desses personagens, pois tem-se a maternagem e a construção dessa relação permeada pelo afeto em várias realidades que nos provocam enquanto leitores.

A personagem Matilde nos inquieta justamente por apresentar a desconstrução que a sociedade atual impregna do que é ser mãe. Ao ter um sentimento de dualidade de amor e ódio pelo filho maricas, querendo até mesmo a sua morte, a viúva coloca em xeque a nossa própria condição de sujeito em relação à posição do desamparo e à intencionalidade do afeto, com o objetivo de alcançar o destino da satisfação de nossas pulsões.

A Anã desperta em nós nossa humanidade. Uma mulher vista aos olhos das pessoas como alguém insignificante, incapaz de estar inserida em uma sociedade que não proporciona condições para que o sujeito possa existir sem tanta interdição. A mulher pequena busca apenas ser amada e nos demonstra esse amor ao desejar apenas que seu filho nasça e seja um homem inteiro, ou seja, que essa sociedade civilizatória tenha um lugar para ele.

O Crisóstomo nos faz refletir acerca de nossa busca por completude e felicidade. Um homem que encontra a satisfação momentânea de sua pulsão, tornando-se pai de alguém que não tem laços sanguíneos consigo, mas que constrói uma relação afetiva com o Camilo. E se realiza ainda mais ao encontrar a Isaura. Encontra-se em um lugar de homem inteiro, mais do que imaginava que pudesse ser.

Quando os personagens do romance formam uma grande família, cada um com suas faltas e com suas buscas, refletimos sobre o grande encontro que é a vida, como dizia o nosso “poetinha”, Vinicius de Moraes, “A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”³. Deste modo, vemos nesses personagens, as forças pulsionais jogando-os para a busca da solução de suas faltas, diminuindo as tensões que os perpassam em diferentes direções e os inundam, buscando substitutos para suportarem o desamparo.

3 Trecho da canção "Samba da benção", composto por Vinicius de Moraes e Baden Powell.

REFERÊNCIAS

ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik. Por uma teorização do afeto: uma leitura de Ribamar, de José Castello, e O filho de mil homens, de Valter Hugo Mãe. **Nonada: Letras em Revista**, Porto Alegre, vol. 2, n. 25, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5124/512451511004.pdf>. Acesso em: 18 de mar. 2021.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio *et. al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

CORREIA, MARIA DE JESUS. Sobre a maternidade. **Análise Psicológica**, 3 (XVI): 365-371, 1998.

DICIO, Dicionário Online de Português. **Significado de afeto**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/afeto/>. Acesso em: 06 de nov. 2021.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana; OSIS, Maria José Duarte; MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e Formas de Maternagem desde a Idade Média à Atualidade. **Pensando famílias**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 55-62, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 de jul. 2021.

KODIC, Marília. Valter Hugo Mãe tem novo romance. **Revista Cult**, 2011. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/valter-hugo-mae-tem-novo-romance/>. Acesso em: 15 de set. 2021.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MÃE, Valter Hugo. **O filho de mil homens**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

MORAES, de Vinicius. **Samba da benção**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fz0eddwTjnk>. Acesso em: 06 de nov. 2021.

SANTOS, Cleilton Silva. **Eu te amo? A construção do sujeito amoroso em o filho de mil homens, de Valter Hugo Mãe**. Dissertação (Mestrado Estudos Literários) – Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS. Feira de Santana. 2018. Disponível em:

<http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/759>. Acesso em: 18 de mar. 2021.

SILVA, Danilo Sales de Queiroz. A grande forma de família – Em defesa de uma família inventada. **Revista Léguas & Meia**, v. 8 n. 1, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/2813>. Acesso em: 18 de mar. 2021.

SILVA, Fagner Costa e. O filho de mil homens e a construção da família moderna. **Pontos de Interrogação**, v. 7, n. 1, jan.-jun., p. 193-198, 2017. [Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/3985>. Acesso em: 18 de mar. 2021.

RECH, Alessandra. Afetos na Pós-modernidade: uma leitura de ‘O filho de mil homens’, de Valter Hugo Mãe. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 13, n. 20, p. 27-37, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/conexaolettras/article/view/89144>. Acesso em: 18 de mar. 2021.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. **Valter hugo mãe: Filho de mil homens e mil mulheres**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Recife. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32013>. Acesso em: 18 de mar. 2021.

TEOTÔNIO, Rafaella Cristina Alves. Antonino, o homem maricas: estigma e produção da diferença em O filho de mil homens, de Valter Hugo Mãe. **Itinerários**, Araraquara, n. 48, p. 165-182, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/12112>. Acesso em: 18 de mar. 2021.